

REDACTOR-PRINCIPAL  
DR. ANTONIO SOUSA AGOSTINHO JUNIOR  
EDITOR  
MARIO BRANCO  
COMPOSTO E IMPRESSO NA  
TIP. REGIONAL EDITORA L.<sup>a</sup> — FARO

# A IDEIA

# REPUBLICANA

SEMANARIO

Directores: DRS. JOÃO DA SILVA NOBRE E CONSTANTINO DE BIVAR CUMANO

ADMINISTRADOR  
MARIO RIBEIRO BENTO  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
TRAVESSA DA MISERICORDIA  
PROPRIEDADE DO GRUPO EDITOR DE  
«A IDEIA REPUBLICANA»

## COMEÇANDO

Não foram desmedidas ambições nem ilusórias esperanças que nos levaram a publicar «A Ideia Republicana».

Considerando que o principal dever do cidadão é ser político, queremos afirmar e propagar o mais alto respeito por todos os que se sacrificam pelo que julgam ser o interesse colectivo, e o maior desprezo pelos que se mascaram de políticos, com o fim único de melhor servirem os próprios interesses.

Não aplaudindo o que está nem desejando o que esteve, limitamos, neste momento de absoluta oportunidade, a expôr e defender os princípios fundamentais duma Republica constitucional e democrática.

Assim, todas as reivindicações políticas e sociais que formam o substracto das modernas democracias, terão no nosso jornal a mais acérrima defesa; e, como é lógico, de nenhuma questão de interesse pessoal nos faremos eco, nem admitiremos qualquer discussão que possa desviar-se do interesse geral que nos propomos defender.

Para nós *correligionário* é sinónimo de *amigo*; mas *adversário* não quer dizer *inimigo*.

Defenderemos também todas as causas locais que nos pareçam legítimas, contando para isso, principalmente, com o dedicado auxilio de prestimosos correspondentes.

Orgão dum grupo de republicanos na plena consciência dos seus direitos, deveres e possibilidades — «A Ideia Republicana» não aspira à criação dum Portugal Maior. Mas, agitando idéas e discutindo princípios, tem este fim mais modesto, embora mais necessario: Ajudar a construção dum Portugal Melhor.

## A BANDEIRA DA REPUBLICA

Ó Mães do meu Paiz, (lirios de sentimento!)  
bendizei, a sorrir, a bandeira de agora!  
—Assim verde e vermelha, é uma roseira ao vento!  
Um clarim a vibrar as notas d'uma aurora!

Verde como o pendão da Ala dos Namorados;  
vermelha como a cruz nas velhas naus erguida,  
—como ela no presente, e nos tempos passados,  
é sempre o coração da Patria redimida!

E assim côr d'um rosal, essa bandeira ardente  
é o manto com que Abril de noiva enflora a terra!  
—Tu, beija-a, cavador, a cavar docemente!  
E tu, soldado, canta-a, a marchar para a guerra!

Bendita seja ahi, na terra e sobre os mares,  
essa bandeira em flor, que a sorrir, entre as mais,  
canta pelo azul a canção dos pomares,  
e ao claro sol ostenta a glória dos trigaes!

Mas, ái! Também em nós, nos nossos corações,  
verte um sangue de dôr o seu ideal de luz...  
—Ela desceu comôscio ás furnas e ás prisões,  
como, com os cristãos, desceu um dia a cruz!

Ela também chorou o pranto dos vencidos!  
Ela sofreu também o luto e a escravidão!  
—Quantos, por sobre o pó, a abraça-la, perdidos,  
não morreram sem fé, ensanguentando o chão!

Mas se ela foi em nós o aneio iluminado  
que ahi desfez d'um trono a noite escura e fria,  
—que hoje só seja Amor! só seja um sol doirado,  
banhando os corações da luz do mesmo dia!

Ó Mães, soltae-a ao sol d'este doce paiz,  
como benção de paz contra o rancôr mesquinho!  
Que sobre todos nós,—sobre esta Patria infeliz,—  
ela seja uma asa a agazalhar um ninho...

Perante o seu amor, não mais ruins paixões!  
Não mais bocas sem pão! Não mais peitos sem luz!  
—Chamando, agora, a si os nossos corações,  
as suas dobras são os braços de Jesus...

Ela é tão nossa já, a guiar-nos os passos...  
De tal forma diz Patria essa bandeira bela,  
—que ou esta Patria vive, erguendo-a bem nos braços,  
ou esta Patria morre, amortalhada n'ela!

Bernardo de Passos.

## 01.º DE DEZEMBRO

(Nos Estudantes do Liceu)

RAPAZES:

Passa hoje mais um aniversário da revolução de 1640 e, mais uma vez, Vocês, os estudantes do Liceu que eu também frequentei, não-de festejar esta data.

Estou mesmo a vê-ros já, nesta hora nostálgica, como Vocês não-de ir logo, aos primeiros alvôres da madrugada, por essas ruas fóra: Cabeleiras ao vento, capas entrelaçadas, nos olhos a febre de uma noite de ansiedade e a garganta rouca dos vivas tradicionais...

Depois, já quando o sol escalda as vossas cabeças loucas, vêjo-vos entrar para a «sessão solene» — flores alvas murchando nas lapelas, luvas manchadas das pontas dos cigarros e muita alegria ardendo sobre as meninas dos olhos.

Quanta saudade! Quanta!... O hino, os discursos, as poesias, os vivas—todos esses mil «nadas», embriagantes como o próprio heroísmo, estou agora a senti-los ainda — como um clarim, ao largo, vibrando uma arrancada.

Ah! Meus amigos! Meus amigos! Também eu, na vossa idade, amava a Patria como vós a amais—com esse fôgo que se esteriliza em tropos, esse entusiasmo que só gera frases.

Mal ensinados, Vocês—como eu outróra—vêm nos factos históricos mais afirmativos da nossa consciencia nacional, o produto da *divina loucura* de meia dúzia de heróis ou uma inesperada benesse do Acaso. E... não vêem bem.

Tivemos heróis, é certo—mas, principalmente, tivemos sábios, tivemos organizadores e tivemos... povo.

Meus Amigos:

Direitos só se perdem em momentos criticos, como os de 1580. Mas a sua perda faz nascer, em quem os não soube conservar, uma ância irresistível de reavê-los.

Foi essa ância que fez a data que hoje comemorais.

Assim, a revolução de 1640, foi menos a obra dos heróis cujos nomes sabeis de côr, do que o resultado fatal duma aspiração colectiva — aspiração que se tornou realizável por um conjunto de circunstâncias propicias, aproveitadas por uma sábia organização.

Incensai, pois, os heróis, mas sem esquecer esta coisa mais alta e gloriosa — a colectividade.

Uma Patria afirma-se hoje, unicamente, pelas suas obras colectivas. Ações individuais são pertença e glória dos indi-

viduos que as praticam, sempre que eles não forem, apenas, os executores felizes duma ambição nacional bem dirigida, os mandatários escolhidos por uma colectividade bem organizada, os produtos naturais duma preparação consciante.

Ora as vossas manifestações, esquecendo tudo isto, seme-lham—como as do meu tempo—entusiasmos ruidosos, por vultos que não podeis imitar ou por abstracções que não podeis compreender, sem outro objectivo que não seja o reproduzirem se a si próprios, cada vez mais enfáticos, cada vez mais inuteis, cada vez mais característicos do *messianismo* doentio que vos entrou nas veias.

Eu sei que amais, ou vireis a amar, esta coisa sagrada e concreta, sublime e gloriosa que se chama a Patria — a Patria forte e moça que se talhou a si própria com o montante de Afonso Henriques, a Patria altiva e honrada que amaldiçoou Leonor Teles pela boca de Fernão Vazques e fez milagres de bravura com a espada do Condestabre. E quero que a ameis sempre, a esta Patria que foi «por mares nunca dantes navegados», desvendando mistérios com a sua sciência dominando mares com a sua ância, desbravando terras com o seu trabalho.

E porque quero que a ameis e porque sei que a amais, é que do coração vos peço: Dai às vossas festas patrióticas menos ênfase e mais civismo. Fazei que elas sejam a afirmação dum amor sereno e fecundo, a promessa de que Vós—parcela da Patria—conservareis todas as virtudes cívicas, todas as qualidades de trabalho e ponderação e persistencia e vontade que a tem feito viver.

As pátrias de hoje não carecem de heróis. Precisam de soldados e de trabalhadores: Soldados para as fazerem respeitadas, trabalhadores para as fazerem ricas.

A Patria só vos pede que sejais soldados — às vezes; e pede-vos sempre que sejais trabalhadores. Se a amais deveis trabalhar, trabalhar muito, trabalhar sempre.

E' tarde já. O nascente clareia. Cortando a humidade fria chegam-me aos ouvidos os vossos bandolins. Vocês veem aí, como eu supuz ha pouco, de cabeleira ao vento e bandeira desfraldada.

Sinto-me romântico. Sobre a minha mesa, os Luziadas fazem-me nascer cá dentro

## A nossa ignorancia

Alguns dos mais profundos e notáveis jornalistas afirmam com a insistência duma grande e bem fundada sinceridade, que os males, de vários aspectos, de que enferma a Nação Portuguesa, tem, por causa única, a nossa falta de educação colectiva.

De igual modo pensamos nós há muito tempo, desde que, passadas as verduras dos vinte anos, começamos a analisar a vida nacional e a cotejá-la com o que devia ser. Sendo o analfabetismo uma das causas desta falta de educação, não é contudo a principal, visto que saber ler é apenas um instrumento para facilitar a aquisição de conhecimentos. Dá-se até a circunstancia curiosa de, bem estabelecida a proporção, estarmos melhor educados quando só se assinava de cruz.

A mesquinhez da verba que o Estado gasta com a sua educação tam-

bem não pode considerar-se causa bastante, porque de facto, ele paga escolas e professores de todos os graus de ensino—embora com soviniçe. E essas escolas são por tal maneira procuradas, que mais duma vez se tem tentado reduzir-lhes a frequência — pela única razão que havia para, aumentando-lhes a capacidade ou o número, lhes permitir o contrário.

O nosso ensino superior espalha todos os anos no País bastantes diplomados, não sendo portanto (é lógico afirmá-lo) a falta de pessoas cultas a origem do fenómeno.

Quais serão então as causas desta ignorancia geral?

Não o procuremos por agora, assinalando apenas que essa ignorancia é por tal maneira grande e geral que até se manifesta nas obras mais comensinhas.

Quando o bispo D. Francisco Gomes tomou conta da diocese do Algarve, encontrou uma região fartamente produtiva de frutos que, na sua maior parte, se não aproveitavam —tambem por ignorancia.

Homem culto e desejoso de ser útil, dedicou se ao estudo do assunto; e algum tempo depois os párocos algarvios recebiam instruções para a cultura e preparação desses frutos, com a expressa determinação de as vulgarizarem.

As pastorais dêsse Prelado, que todos os cidadãos deviam procurar imitar, foram verdadeiras sebtas de mestre, cheias da maior utilidade. Enviadas aos seus subordinados com a determinação de as lerem, e ensinarem a toda a gente os conhecimentos que continham—contribuíram grandemente para a prosperidade geral.

Se as pessoas cultas do nosso País,

NOTAS SOCIAES

A questão metalúrgica do Ruhr

Os magnates da industria siderurgica do Ruhr, á frente dos quais se encontra o celebre potentado Thyssen, declararam o «lock-out» em toda a região. E em virtude disso mais de 220.000 operarios se encontram sem trabalho vindo este facto complicar assustadoramente a crise industrial e o problema da «chomage» na Alemanha.

Historiemos a questão em poucas linhas: Já ha anos que os operarios metalurgicos do Ruhr vinham formulando repetidas vezes pedidos de aumento de salario. O tribunal arbitral de trabalho da região, chamado a intervir no caso, decide por um voto, o do Presidente (pois que os jurados, tanto patrões como operarios, se abstiveram) um aumento de salario, em todo o caso inferior ao pedido pelos operarios. Os patrões recusaram-se a aceitar a decisão arbitral, o que obrigou o governo a decretar a obrigatoriedade dessa decisão. Como resposta os patrões declararam o «lock-out» e recorreram para o Supremo Tribunal do Trabalho do Reich em Diusburgo, obtendo aí uma sentença favoravel, por ter sido a primeira decisão arbitral obtida só por um voto. E assim o govêrno encontra-se não só perante um grave conflito do trabalho como tambem perante uma difficil questão politica-judicial em virtude do acórdão do Tribunal de Diusburgo ir comprometer a obrigatoriedade por ele formulada quanto à sentença arbitral. No fundo disto tudo ha quem veja, somente, mais um aspecto da luta sem treguas declarada pelos nacionalistas, manobrando por intermedio do seu adepto Thyssen, ao chanceler social-democrata Muller. A' energia e habilidade deste compete salvar a democracia alemã dêste mau passo e da emboscada que os seus inimigos das direitas prepararam contra o seu govêrno.

C. C.

Frei Tomás

A' hora do nosso jornal entrar na maquina está a acabar a representação desta interessante peça de Chagas Roquete, em favôr do hospital da Misericórdia de Faro.

Representa-a um grupo de amadores que, pela maneira como até agora tem desempenhado os respectivos papeis, parecem profissionaes e dos melhores.

Todo o conjunto tem colhido e merecido os maiores aplausos.

tro o desejo enorme de os chamar a todos...

Havia de levar-vos, um por um, a fazer-me sobre esse evangelho da nacionalidade o juramento que eu vos ditaria:

«Eu vos juro, Pátria amada e linda, que vos hei-de amar sempre, conscientemente, ponderadamente, sendo soldado quando o necessitardes e sendo sempre cidadão. Para Vós e por Vós trabalharei sempre, honradamente, honestamente, sempre zeloso no Dever, sempre ciioso no Direito.»

AQUI PARA NÓS

Muito obrigados

A todos os colegas que annunciaram o aparecimento do nosso jornal e a todas as pessoas que por esse facto, nos dirigiram penhorantes amabilidades — os nossos melhores agradecimentos.

Mendigos

E' proibido pedir nas ruas da cidade...

Achamos bem — muitissimo bem mesmo — convencidos de que, antes de tal medida foram tomadas providencias infalíveis para este fim mais indispensavel e humano: — Evitar a necessidade de pedir.

Afirmações

Um distinto advogado lisboêta (peço aos srs. tipógrafos que não escrevam destino) afirmou ha dias que «pedir era um crime»...

Concordamos — mas não sabemos quem é o criminoso.

A Roda

A propósito desta antiga e antipática instituição, anda grossa polémica nos jornais.

Como o assunto é de importância, trataremos dêle em breve, menos ligeiramente.

Por agora queremos apenas dizer que, com a maior antipatia por ela, preferimos a Roda aos canos de esgôto.

Mas não será possível conseguir-se uma época em que assuntos como este só tenham interesse histórico?

Universidades

O sr. dr. Agostinho de Campos, que ha muitos anos se dedica ao problema educativo português, acaba de aplicar uma boa dose de sinapismos sobre as cruzes das nossas Universidades.

Apesar, porém, da pericia do tratamento, estamos convencidos de que êle não dá resultado...

Porque — como dizia um sabido alveitar da nossa terra — «burro velho não vai com cataplasmas».

Minhas senhoras

Do próximo numero em diante, encontrarão V. Ex.<sup>as</sup>, no nosso jornal, uma secção que vos é inteiramente dedicada. A pessoa que tomou o encargo dessa secção esforçar-se-ha por a tornar útil e agradável.

Crianças

Tambem o nosso jornal encetarã brevemente a publicação dumas crónicas médicas, especialmente dedicada a tratar doenas de crianças. A cargo do nosso ilustre director, sr. Dr. Silva Nobre, essas crónicas serão duma extraordinaria utilidade para os pais.

A' policia

A's esquinas das ruas mais concorridas, rodeadas de matulões, costumam agrupar-se pequenas vendedoras miseraveis e mais ou menos sujas. Criançitas á volta dos dez annos, já sabem muito bem contar dinheiro, não se enganando nos trocos...

O peor é que qualquer senhora decente tem que passar longe dos grupos e... o Hospital tem as enfermarias cheias...

Pés descalços

Dizem que se estuda em Faro a possibilidade de adoptar, sem grandes atritos, a proibição do pé descalço. Faro é terra onde quasi ninguém se vê com os pés nus — facto que não é devido á abundancia de coiros nem á barateza da mão de obra.

Assim parecia-nos de maior conveniência mandar descalçar certos pés e meter algumas línguas em boas botas...

Sorte grande

Para a do Natal toda a gente se habilita. O mais renitente ao jôgo não resiste á tentação do barbeiro ou do engraxadôr que, com uma entrada no bilhete de palpite, lhe surripia uma gorgêta choruda, sem o costumeado agradecido.

E' a portuguêsã, a hespanhola e talvez mais, tudo pelo fraco do di-

Escolas Profissionaes

Ao idealismo politico que precedeu a Republica, em Portugal, succedeu, mercê de variados factores, um estado de coisas que, no que se refere à instrução profissionaal dos trabalhadores, merece alguns reparos. Assim, ainda até hoje se não pensou, com possibilidades de exito, em criar escolas que apetrechem, profissionalmente, para a luta pela vida, aqueles a quem a carencia de recursos não permite largos annos de estudo.

Se *A Ideia Republicana* que vai publicar-se dentro em pouco, contribuir com a sua doutrina isenta de odios e retaliações para atingir o *desideratum* que motiva as linhas que aqui ficam, bem hajam os que se esforçam pela sua publicação. Se, pelo contrario, o novo jornal pretender antepôr aos interesses da coletividade os interesses, sempre discutíveis, de uma determinada facção, esquecendo muito principalmente que *Depois do pão a educação é a primeira necessidade do povo*, melhor será que não percamos tempo e prosa e que dediquemos a nossa actividade a qualquer coisa que seja praticamente util.

VISIONARIO

nheiro ou pela fraqueza da vontade.

Quantas *sortes grandes* não sairão daqui, todas as semanas, atrás da sorte grande?

Piadas

Uma das manias daquele espécimen inofensivo que se classifica de *portuguesito*, é ter *piada* — coisa que muita gente considera irmã da graça.

Nós que a propósito da fundação do jornal, temos recebido muitas *piadas*, consideramo-las irmãs da graça... mas filhas doutra mãe: — a má educação.

Monumentos

Estão na força da moda os monumentos a beneméritos.

Qualquer terrinha, por mais tacaña que seja arranja beneméritos só para ter monumentos — o que dá superioridade e uma certa importância.

Assim, dentro dalguns annos, é passível que algum baírrista mais fervoroso tenha a benemerencia de mandar erguer um monumento a si mesmo, no melhor sitio da terra...

O que vale é que, nessa época, ainda os garôtos hão de ter necessidades.

Expediente

A todas as pessoas a quem enviamos o presente numero, pedimos a finêza da sua devolução — caso não queiram honrar nos com a assinatura do nosso jornal.

Pedimos tambem aos nossos correspondentes o favôr de nos enviarem as suas prezadas noticias, até á quinta feira de cada semana.

A nossa ignorancia

(Conclusão)

se pelo menos aqueles que tem obrigação de aprender e ensinar, fizessem em todos os ramos de cultura útil, o que D. Francisco Gomes fez à agricultura algarvia, outra situação nos estaria reservada.

Mas as pessoas cultas — não falam; os próprios estabelecimentos de ensino — isolam-se; os mestres só ensinam aos discípulos (e nem sempre tudo o que lhes poderiam ensinar e eles careciam de aprender); os orientadores — lastimam apenas o que vai succedendo e o que succederá ainda... De forma que — por todo este comodismo, por todo este desleixo, por toda esta falta de civismo, por todo este crime — o País suloca de ignorancia, emporcalha-se de baixêza e... morre de fome.

EDUCAÇÃO E ENSINO

Ao abrir esta secção, devemos declarar de principio que ela é um vasto campo aberto a todas as opiniões sobre a materia e a todas as soluções que o problema da educação do povo português possa sugerir a todos quantos se interessam honestamente por tão magna quanto momentosa questão.

E' de prever que este periódico não irá inserir nas suas columnas publicações sem valôr intrinseco ou de clareza deficiente, a não ser que os seus autores as subscrevam. E' que as produções anónimas ficam á responsabilidade da redacção e esta por certo reserva-se o direito de seleccionar o mais rigorosamente possível, pelo respeito que se deve a si e ao publico. Toda e qualquer producção, desde que venha assinada por pessoa de reconhecida responsabilidade moral, será publicada.

Afigura-se-nos que chamando a atenção do público para este capitulo do nosso hebdomadário lhe prestamos um altissimo serviço, visto que o problema da educação é, sem contestação, o problema fundamental, o primeiro dos problemas fundamentais que, para honra e proveito da nação deve merecer a maior dedicacão, a maior cautela e a maior persistencia.

De tudo se teem occupado os govêrnos, não discutimos se mal ou bem, se com ou sem successo. Simplesmente o problema da educação nunca foi abordado a sério, com suspensão de todos os outros.

Só por acidente é que a questão tem occupado os dirigentes, cuja atenção tantas vezes tem sido solicitada para casos de importância nacional pouco menos que nula.

Nos países em que a percentagem de analabetos não excede um por mil, as questões em tôrno da educação, tratando-se por exemplo de reformas resultantes de estudos previamente feitos, estão sempre no primeiro plano. Ainda em 1919, na Alemanha, foi levado ao Reichstag uma proposta de reforma da Instrução, a qual, com ligeiros intervalos foi discutida cuidadosamente até 1922. De toda essa laboração resultou, a Staats Schule (Escola do Estado).

E o que succedeu na Alemanha, succede em todos os países que todos entre nós consideramos civilizados e cujos sinais de progresso são cada vez mais numerosos e evidentes.

Não temos illusões sobre o resultado da nossa iniciativa. Poderemos de facto colher apreciabilissimos alvitres e opiniões, que tal não significará a *mise en valeur* do problema da educação.

Entretanto, nós não descançaremos. Nós não descançaremos nunca. Nós não desanimaremos.

Mistificação

Um moço jornalista da Europa Central foi uma vez entrevistar Tristan Bernard.

O dramaturgo recebeu-o no seu gabinete de trabalho e fez as seguintes declarações, que o outro, boquiaberto, foi logo apontando:

«Tristan Bernard ficaria por certo muito impressionado com a homenagem que o senhor acaba de lhe prestar.

Infelizmente já ha quatro annos que êle não é deste mundo.

Razões de familia, a que não posso aludir, obrigaram a occultar a morte de Tristan Bernard.

Há dias encontraram p'ra si numa taberna qualquer, um pobre diabo de barba crescida que era quasi a cara dêle.

Esse pobre diabo sou eu.

Eu cá sou autor das *palavras cruzadas*.

Quanto a Tristan Bernard, esse está morto e bem morto.

Mas veja lá faça favor não diga nada a ninguem...»

O confrade foi logo dali telegrafar estas noticias ao jornal.

O caso produziu enorme sensação no seu país.

Tristan Bernard está contentissimo.

NOTAS INTERNACIONAES

A POLITICA DE HOOVER

O acontecimento mais importante das ultimas semanas em politica internacional é, sem duvida alguma, a eleição de Hoover para a presidencia dos Estados Unidos. E para o nosso continente, para quem a politica da Casa Branca tem, por causa da questão das dividas inter-aliadas, uma importância fundamental, é do mais alto interesse conhecer quais são as directrizes da politica do novo presidente. Duma maneira geral, e todos prevêem quanto isso será nefasto para a Europa, Hoover não se afastará notavelmente da politica de Coolidge. E os pontos fundamentais da politica coolidgeana: — manutenção da lei sêca politica de intervenção na Centro America e de protectorado económico na Sul-America; não participação na S. das N.; não revogação das dividas da Europa aos Estados Unidos serão, sem duvida, mantidos pelo actual presidente eleito.

Mesmo que outra fôsse a maneira de pensar de Hoover, ele não poderia fazer outra coisa, pois que a sua retumbante vitória eleitoral foi principalmente a consagração entusiastica da acção de Coolidge. Mas, uma personalidade forte e enérgica como a de Hoover, conhecido profundo da vida politica da Europa, á qual esteve intimamente ligada durante os annos trágicos da guerra, deva dar um acento fortemente pessoal á sua passagem pela Casa Branca. Homem de acção, senhór absoluto d'uma intelligente iniciativa, Hoover, não pôde deixar de compreender a situação europeia, por uma fórmula menos americanizada que o seu predecessor; e na concepção pessoal com que o novo presidente porá em execução os principios rígidos do republicanismo dos Estados Unidos residem as unicas atenuantes que os politicos europeus encontram para a desilusão que lhe trouxe a derrota esmagadora do mais maleavel Al. Smith.

C. C.

Boa ideia...

*A rapaziada vermelha deu-lhe agora a grande telha das ideias e... fez uma e apela p'ra minha arte; pois moços, p'la minha parte, não faço ideia nenhuma*

*Da vantagem d'um jornal que defenda um Ideal com desassombro e tesura nesta altura em que os primores dos seus colaboradores só são lidos p'la Censura*

*P'ra que não morra o jornal por falta d'original eu cá vou ter um arranco: revolucionar o mundo com um artigo de fundo de três columnas em branco!*

*E ao doutor Constantino que é o grande paladino das ideias invulgares quero dizer, prezanteiro, como o c'ronel brasileiro: — «Boa ideia, seu Soares!»*

MINIMUM

Este jornal foi visado pela comissão de censura

## «O Patagalha»

Aquella hora o lárquinho do Salá estava ainda á sombra. As imundices negras da fossa cavada mesmo ao centro, escuriam entorpecidas através da regueira que se alongava até á praia de lodo.

Aqui e ali, em torno da fossa, jaziam cães mortos, alguns pôdres, de bôca hianete a regorgitar de vermes e cabeças de peixe, tudo num amalgame nauseabundo.

O fedôr repousava ainda adormentado pelo fresco da manhã. Começavam a abrir-se as portas. Mulheres encarquilhadas, em saíote encarnado, vinham até ao meio do largo e, depois de olharem dum lado e doutro, permaneciam algum tempo acocoradas e retiravam, correndo como galinhas perseguidas, a metrer-se em casa. Entretanto as casiuhas brancas, muito caídas, punham uma nota ingenua e garrida em todo o sitio, contrastando pelo aceio com o chão repeleente.

Das bandas do estaleiro chegavam ecos da lóbua que principiara. De vez em quando passavam pescadores de balsa ao ombro, calçados de botas altas.

Uns pequerruchos descalços, envolvidos em gabões de surrubeço, vieram, esfregando os olhos, e, depois de se saudarem aos empurrões, puzeiram-se a correr dum lado para o outro. A seguir começaram a atirar-se com lama uns aos outros. Um mais miudinho largou os companheiros e veio andar pela regueira fóra aos pontapés a um dos cães mortos que tirara da fossa. O sol começava a dar nas açoteias e as visinhas abriam as portas de par em par, sentando-se nos poiais chamando as filhas. A breve trecho o quadro ficou completo. As rapariguinhas vinham, deitavam a cabeça nos joelhos das mães, que principiavam a catá-las. Era um sacrificio suportado com o tempero de lamurias e de bofetadas.

—'lha lá o Patagalha! exclamou um garôto de carita enlambusada ao ver penetrar no largo um diabala, alto, que avançava para os lados do estaleiro, andando a custo.

O Patagalha, ao ouvir os gritos da moçanhada, gemeu insultos. Depois baixou-se e apanhou uma pedra. E' que os «moços» vinham pisar-lhe os pés chagados. Só raras vezes uma mulherzita mais condôida o defendera da ira da garotada; os homens riam. Alguns, calçados de ta mancos, também lhe pisavam os pés. E ele chorava.

Naquêlle dia a mãe adoecera e o irmão ficara a guarda-la. Ele tivera que sair para pedir uma gotinha de azeite á «mana Vecença», que morava ao pé do moinho.

Os garôtos não o deixavam passar. Irou-se. Atiron-lhes com uma pedra e acertou na cabeça do mais pequenino, fazendo-lhe uma grande brecha.

Foi uma balburdia. O pequeno berrava. Veio a mãe, acudindo aos gritos e desatou aos insultos ao Patagalha. Depois correu a buscar um pau e voltou para lhe dar com elle.

Felizmente, a «mana Vecença», que passava ali ponde livrá-la. Lá o levou para casa, depois de ouvir tudo quanto a mãe do pequeno lhe quiz dizer. Não houve nada que lhe não chamasse.

A vida de Patagalha nunca fóra outra desde que pôde pôr o pé na rua. Ninguém lhe conhecia pai. Os dois irmãos que tinha eram aparvalhados como elle e ninguém os queria para nada. Pediam esmola. O Patagalha, na época dos figos secos, vinha ao pé das golpelhas cheias e roubava alguns. A's vezes escapava; mas quando era apanhado, como não o levavam preso, battam-lhe.

Passaram-se muitos dias em que o parvo não saiu. Já extranhavam no largo.

Só se sabia que a mãe estava mal.

Certa manhã, ainda antes do sol nascer, o Patagalha appareceu. Os garôtos correram contra elle aos gritos. O Patagalha trazia uma cara dife-

## PODEM TODOS SER REPUBLICANOS?

Salvo o devido respeito, estou mesmo a vêr o leitor amigo preparando se para fazer parte do número dos republicanos (e talvez que o seja dos melhores), ou, se fór monárquico, estar muito satisfeito por não pertencer ao número de tal gente.

Afinal, o monárquico é, em qualquer republica, republicano sem querer, porque faz parte integrante da *rex publica*; o republicano, sendo-o também no mesmo sentido, pôde, contudo, não o ser no sentido idealista, do mesmo modo que, sendo-o cidadão quando se habita numa cidade, pôde ser-se mau cidadão por não ter aquelas qualidades cívicas e morais que classificam bem o indivíduo.

Por consequência, nem tôdos podem ser republicanos.

Para sê-lo não basta dar vivas á Republica... quando êsses vivas são convenientes...

Para ser republicano é necessário sêr altruista, sêr defensor acérrimo não só da liberdade individual dos seus concidadãos, mas também da daquêles que constituem a familia de que faz parte, muitas vêzes como chefe.

E, contudo, quantos ha que, dizendo-se republicanos, dan'lo, ás vezes, vivas á Republica, são uns autênticos tiranos em casa, desprezando a opinião de cada um dos indivíduos que constituem a sua familia, mandando calar os filhos, não lhes permitindo que se defendam, impondo-lhes, enfim, a sua opinião, nem sempre bôa e muitas vêzes tuínosa para o lar, não pensando que qualquer opinião imposta é sempre mal recebida.

Orgulhoso, porém, com o poder que a força de chefe de familia lhe confere, não quer, como tirão, que é de facto, pensar na ruina do lar, no esfacelamento quasi certo da familia, apesar de saber-se — é da sabedoria das nações que — «pai tirão filho rebelde».

E' necessário, pois, que o indivíduo tenha sempre presente que as pessoas que constituem a sua familia são também seres pensantes, com maiores ou menores faculdades que têm direitos e devêres, e, ainda, que a melhor forma dos filhos cumprirem êsses devêres sem desprestigio para ambos. (porque muitas vêzes os devêres acabam quando não se conferem legítimos direitos) é não esquecer nunca todos os direitos que os mesmos filhos têm, como homens. E os homens não devem nunca tyrannisar nem serem tyrannizados, seja de que maneira fór, nem mesmo pelos proprios pais, para os quais o lar deve representar, por assim dizer, uma pequena república.

Portanto, desde que o indivíduo não tenha para com os seus semelhantes, seus filhos ou não, aqueles sentimentos de LIBERDADE, EGUALDADE E FRATERNIDADE indispensaveis, será republicano... mas de pechisbeque, indigno de sêr chefe de familia.

Não podem, pois, sêr todos republicanos, porque só o são aquêles que sentem, pensam e procedem como tal, em tôdos os seus actos.

MARIO BRANCO

rente. Mais triste, mais alheio aos insultos dos «moços»; num momento atrevido ia bater-lhe com uma pedra nos pés. Ele não se enfureceu. — «Não me batam! Não me batam! A minha mãe morreu! Já não tenho mais ninguém!» e desatou a chorar.

Os «moços não lhe fizeram mal e, sem saberem bem porquê, foram para casa dizer ás mães que tinha morrido a mãe do Patagalha.

Faro-928, Novembro.

DENTINHO JUNIOR

LA PILE DE POCHE

ERVIL

Est la plus recherchée dans le monde entier dû à être la plus économique et la plus durable.

## RECOMEÇANDO

O aparecimento de «A Ideia Republicana» para cuja aparição concorri com o meu modesto esforço teve o condão de pôr termo á *licença ilimitada* que em tempos já distantes voluntariamente tomei, quando um certo astro sportivo de radiante luz, hoje completamente extinta, implantou em Faro certos processos que por julgar prejudiciaes aos bons principios sportivos eu condenei.

Os resultados estão patentes, e o que foram estes anos,—desde que por uma honra imerecida ocupei a primeira presidencia da Associação de Foot-Ball do Algarve,—não merece a pena nisso falar.

Aguas passadas não moem moinhos...

Voltando a rabiscar nos jornais, depois de me ter afastado muito positivamente da vida sportiva, limitando-me unicamente a assistir a algum match de bom cartaz, que tinha o condão de me fazer vibrar os nervos, hoje tenho primeiramente que tomar o pulso, pôr-me ao facto do que vae por toda a parte onde se trata de sport.

Uma palestra com qualquer membro da Direcção da A. F. A. impunha-se para me orientar e recomençar nesta *gratissima missão*, onde desde que, não se encha de adjectivos tudo o que por aí se faz, se sobre as picadilhas dos despeitados e de *tuti e quanti* nisto se mete para satisfação de pequeninas vaidades...

Hoje mais entrado em anos, com maior arco-boço e pratica da vida, cá me abalanço...

Dito isto á maneira de preambulo, e garantindo a todos os verdadeiros *sportmen* a mesma lealdade que dantes usei, passemos a concorrer com o nosso modestissimo esforço para o desenvolvimento dos bons principios sportivos; para o engrandecimento e bom nome da nossa provincia.

\*\*\*

Quiz o acaso que tomada a disposição de ouvir um membro da A. F. A. eu encontrasse um velho companheiro de sport, antigo condiscipulo, velho amigo de ha 24 anos, Oliveira e Costa, que, sem desdouro para ninguém, tem sido dos que melhor e mais competentemente tem sabido aguentar-se nesta inglória vida...

Pedidas umas ligeiras palavras sobre a A. F. A., imediatamente o I.º secretario da nossa Associação se poz inteiramente ao meu dispor, e na sede da Associação de Foot-ball eu me preparei para ouvir e escrever...

Para o illustre *sportman* não são necessarias espertezas de jornalista, para lhe apanhar as palavras, ele diz o que tem a dizer e mais nada.

Demos a palavra a Oliveira e Costa que nos diz:

—Foi convocada a Assembleia Geral para o proximo dia 2 de Dezembro pelas 15 horas, para a apreciação e aprovação das alterações do regulamento do Campeonato Regional, que contem as seguintes innovações:

—Admissão de Clubs com uma unica categoria para a disputa do campeonato de promoção afim de intensificar o movimento nas localidades ainda não filiadas na A. F. A., como Tavira, Alportel, Fozeta, e a nova filiação de Albaldeira e Silves.

—A disputa do campeonato da divisão de honra em duas categorias é feita em duas voltas, e as 2.ª e 3.ª categorias da mesma forma como o ano passado por apuramento de campees de localidades, intensificando assim os jogos destas categorias nas localidades que tem mais de um club, fazendo-se o apuramento em duas voltas nestas categorias.

Ha ainda outras pequenas innovações, de interesse para os Clubs, subordinadas, ao regulamento geral da Federação Portuguesa.

E' o que ha de mais importante e para finalizar dir-te hei que o campeonato de Sports Atleticos será disputado na nossa provincia na época propria, para que possamos apresentar no Campeonato de Portugal, devidamente treinados, os atletas do Algarve.

Estava satisfeito o nosso pedido. Um «perto de mão e para a semana o segundo... episodio.

TAVRES BELLO.

## Tradições

Entendemos que, para fixar as características de uma raça, é absolutamente indispensavel conhecer os seus feitos illustres, a sua origem e os seus heróis.

Infelizmente estamos muito afastados, mas muito da tradição...

Esses bravos, em épocas já distantes, cheios de fé, derramaram o seu sangue por uma PATRIA LIVRE.

Por isso sentimos o desejo veemente de nos curvâmos perante aquela vontade máxima da nossa raça.

Fundámos Portugal, porque eram êssas as nossas legítimas aspirações. Para o tornar melhor basta que no nosso coração palpitem um sentimento nobre de vitalidade.

Apesar da muita variedade de *sangues*, êsse amalgame de energias não debilitou a nossa coragem e o nosso caracter proprio. Sentimo-nos fortes pela pureza dos nossos sentimentos e das nossas crenças.

A natureza geografica vincula nos um entranhado amor pela independencia e pela Liberdade, que se tornará indestrutivel.

Somos aguerridos, mas não por indole ou inclinação sanguinária; as nossas fundamentaes características, embora não queiram acreditar, *tem sido e serão sempre: PATRIA E LIBERDADE!*

Temos de nonstrado, em defesa destes principios, mesmo em ateneçadôras circunstâncias, a nossa verdadeira integridade, assumindo sempre uma atitude intransigente enquanto a sua impertinencia não fór vencida. Só nestas circnsthâncias o nosso povo costuma voltar á páz e socêgo.

Já dizia o grande Alexandreerculano: *Nós sômos os legítimos representantes e herdeiros dessa gente viva e forte que soube levantar-se*

## «A IDEIA REPUBLICANA»

Vende-se em FARO na livraria de A. S. Capela, Rua D. Francisco Gomes, 40 e em OLHÃO na sucursal da mesma livraria, Rua do Comercio, 88, agente de todos os jornaes, excepto do «Diario de Noticias».

Recebem-se assinaturas e anuncios para este semanário.

Fotografias de artistas de cine: nova remessa

Livraria Internacional

SOCIEDADE DE MADEIRAS, LIMITADA FARO

Madeiras nacionaes e estrangeiras aos melhores preços do mercado TRAVESSA DA MISERICORDIA, 11

Material Electrico RADIO ALGARVE

Underwood (MAQUINA DE ESCREVER) RADIO ALGARVE

Artigos religiosos: o maior sortido

Livraria Internacional (JUNTO AO CHIADO)

e reproduzir-se imortal na sua essencia.

Resta, pois, que não nos esqueçamos das nossas tradições. Perante uma evolução, natural e normal, não ha força humana que possa resistir. Quem em tal não acredita só tem um recurso: Recordar o passado.

JOSÉ PEDRO DA CRUZ

# Samorinha & Samorinha, Ltd. da

Deposito de:

## Ferragens

### E ARTIGOS PARA CONSTRUÇÃO

« Cimento nacional »  
« e estrangeiro »

### Aparelhos completos para retretes

### MOSAICOS E AZULEJOS

65, Rua do Alportel, 69—FARO

## Quereis andar bem calçado?

Só o calçado ATLAS vos servirá bem, é o unico que se vende mais resistente do que o manual.

Visite o Deposito da Fabrica na Rua D. Francisco Gomes, 28, em Faro

**MERCEARIA ALIANÇA**

DE JOSÉ PEDRO DA SILVA

—: FARO —:

O melhor estabelecimento de mercearias desta cidade

Generos de primeira qualidade aos mais baixos preços  
Vinhos e licôres das melhores marcas  
—: O afamado CAFÉ SILVA —:

**Braziel Limitada**

Torrefação e moagem de cafés electro-mecanica

**“Café Venceamôr”**

de todos o mais saboroso e aromatico

As aquisições dos cafés são objecto da nossa

melhor atenção, por isso

AS NOSSAS MARCAS SÃO AS MAIS PREFERIDAS

Agentes no ALGARVE da acreditada fábrica de perfumaria **CARITA L.<sup>DA</sup>**

**Casa das Manteigas**

—: DE —:

Anibal Dias da Silva

RUA DE SANTO ANTONIO — FARO

Generos de mercearia de primeira qualidade,

—: aos melhores preços do mercado —:

Vinhos, licôres e champagnes das mais acreditadas marcas

Manteigas Burnay-Ilhas e dos melhores fabricantes

Chocolates das mais finas qualidades

As compras neste estabelecimento são mandadas gratuitamente aos domicilios

**Manuel Dias Sancho  
Casa Bancaria**

Rua D. Francisco Gomes — FARO

Todas as operações bancarias

**Secção Maritima:**

Rua de Santo Antonio, 11 e 13

Agentes de varias companhias  
de navegação com carreiras  
regulares para todos os portos  
do NORTE DA EUROPA,  
LEVANTE, AFRICA, etc.

**O FERRO DE ENGOMAR**

Rua Castilho e Travessa Rebelo da Silva  
(TRAVESSA QUE FICA DEFRENTE DO CINE-TEATRO)  
(Rua de Santo Antonio)

—: FARO —:

**CAFÉ CERVEJARIA**

**ALMOÇOS JANTARES CEIAS (A' LISTA)**

ABRE HOJE este novo serviço de Restaurant

**DE 3\$00 A 10\$00 ESCUDOS**

qualquer pessoa pôde ALMOÇAR cu CEIAR!

**Bailes**

Todas as segundas e quintas feiras, sabados e domingos (gabinete reservado) se realisam no Salão do «Ferro de Engoma» ANIMADOS BAILES.

Entradas especiais

**Aber to todos os dias até ás 2 horas**

Papel de cartas alta fantasia :  
avulso muito barato

**Livraria Internacional**

(JUNTO AO CHIADO)

**CASA DOS PLISSADOS**

RUA SERPA PINTO, 100

—: FARO —:

Fazem-se com perfeição plissados  
em fantasia, deitados e em pé

Preços módicos

Envia-se para a provincia á cobrança

**Silva Mealha**

Medico-Cirurgião

Ex-Interno dos hospitais de Lisboa  
Director do Dispensario anti-tuberculoso

Consultas no dispensario das 12 ás 13

Clinica geral e operações

CONSULTORIO:

Praça D. Francisco Gomes, 19-1  
MORADA:

Rua Filipe Alistão, 21

— FARO —

**Vieira Branco & Teles, L.<sup>da</sup>**

Ferragens, drogas, papelaria  
tubagem e torneiras em todos

= os diametros =

LARGO DA PALMEIRA

FARO

**JOÃO SOARES VIEGAS**

Com casa de pasto

RUA LETES, 29 a 33 — FARO

Bons vinhos e petiscos

**Livraria e Papelaria SILVA**

Artigos de escritório,  
: desenho e pintura :

Enorme sortido de calcomanias

Representante das casas :

**KODAK, PATHÉ e AGFA**

Revistas e jornais nacionaes  
—: e estrangeiros —:

Rua D. Francisco Gomes — FARO

**Grande futuro**

TERRENO para construção  
vende-se 1000 metros na ave-  
nida 5 de Outubro com 32 me-  
tros de frente para a avenida,  
32 metros para a rua Camilo  
Castelo Branco e 32 metros  
com fient para o jardim do  
sr. Manuel José Nobre.

Para tratar, rua Francisco  
Barreto, 25.

**Vende-se**

UM PREDIO com moradia,  
grande quintal e garage, aguas  
encanadas, cisterna e dois am-  
plos armazens. Boa construção  
recente, na estrada de S. Braz.

Tratar na rua Conselheiro  
Bivar, n.º 59 — FARO.

?

Vindes a Faro ?

Quereis COMER BEM, COM  
ASSEIO E EM CONTA ?

Dirrijam-se ao

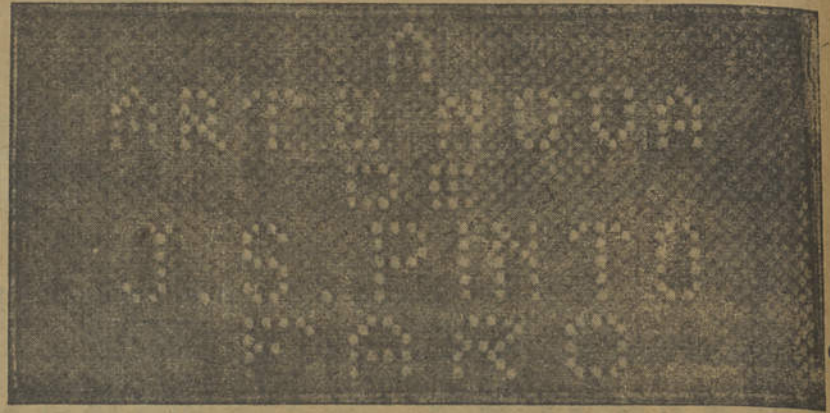
**Ferro de Engomar**

= Rua Castilho =

Travessa Rebelo da Silva

Travessa que fica defrente do Cine-Teatro  
(Rua de Santo Antonio)

**CAPACHOS E COLCHÕES**



Preços sem competencia. | Descontos aos revendedôres

**OFICINA DE CANTEIRO E MARMORE**

DE Manuel Rodrigues Palaré

CASA FUNDADA EM 1912

Execução de quaisquer obras concernentes a esta arte, tais  
como : jazigos, campas, letras em todos os tipos, marmores  
polidos, etc. Tambem se encarrega de cantarias para obras e  
trabalhos em grosso para pontes, nóras, lagedos, etc.

Trabalho garantido. —: Preços sem competencia

RUA CUNHA MATOS — FARO

**Marques, Vaz Velho  
& Caiado, Ltd.<sup>da</sup>**

**Agentes de Navegação**

Carreiras regulares de vapôres para  
todos os portos do mundo

Telegramas ORAF

Telefones n.º 14

Representantes dos srs.

E. Pinto Bastos & C.<sup>a</sup> Ld.<sup>a</sup>

Marcus & Harting, Ld.<sup>a</sup>, etc.

**Enxovaes em 24 horas**

Produção (media) 4 camisas por hora (Fabricação mecanica)



Gravataria e artigos de toilette para homem  
—: malas e meias para senhora —:

TELEFONE N.º

**MARIO VICENTE ROQUE**

**CASA PORTUGAL**

—: FARO —:

Pedir amostras pelo correio ou telefone.

Inesperadas dificuldades forcaram-nos a não publicar todos os anuncios, do que pedimos desculpa aos nossos anunciantes